

Comentário

Identidade e iberismo

EUSTÁQUIO GOMES
eustaquio@unicamp.br

Michel Debrun, um estudioso da alma brasileira, tinha seus pontos de vista sobre a identidade nacional. O Brasil tinha ou não identidade consolidada? Debrun achava que ainda não, “apesar do consenso em torno do futebol, do samba e da caipirinha”. Identidade requer elementos de cidadania não assenhoreados ainda pela totalidade dos brasileiros. Mas ele era otimista quanto a isso, embora não tanto quanto Darcy Ribeiro, que extraía do caldeirão étnico brasileiro o visionarismo de uma nova civilização. Para um não-acadêmico a serviço da simples informação, eu brincava com a idéia de que, se Darcy exagerava (como exagerou há um século o Conde de Afonso Celso), Debrun bem que poderia condescender em que um país continental de uma só língua, mesmo que dilacerado por diferenças socioeconômicas, apresentava uma certa unidade na sua diversidade cultural.

Mas a identidade, é claro, não se faz à custa do simples desejo.

Tudo isto vem a propósito da belíssima análise que nesta edição faz o professor Edgar de Decca de nossa questão identitária com Portugal, o país que não somente nos colonizou (bem ou mal, é um assunto fértil) mas que também nos deu a língua, parte substancial de nossa cultura, diversidade étnica (frequentemente por vias tortas), um certo aventureirismo e essa crença insólita num Eldorado que parece parte intrínseca do caráter brasileiro médio.

De Decca parte esta semana para Portugal, onde vai inaugurar a cátedra da Unicamp no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa, durante três meses. Seu assunto será exatamente este: os liames identitários entre os dois povos. Não por acaso, ele leva em sua bagagem uma cópia de uma tese inédita de Sérgio Buarque de Holanda que o próprio De Decca levantou do espólio do escritor depositado na Unicamp, e que em algum momento será publicada. Nessa tese, o tema de Sérgio não é outro senão o desvendamento de nossas relações culturais e afetivas com o mundo ibérico.

A abertura dessa cátedra é uma experiência acadêmica que seguramente tem seu lugar no campo das aproximações entre dois mundos, além de ser um passo importante nas relações da Unicamp com o universo acadêmico português e, por que não?, na busca de nossa identidade. Portanto, boa viagem, De Decca.



O governo na arapuca dos transgênicos

MOHAMED HABIB

Em outros momentos tive a oportunidade de denunciar pressões de setores preocupados com ganhos imediatos às custas do desenvolvimento nacional, da saúde e do meio ambiente, forçando o Governo Federal a autorizar, por uma Medida Provisória, a comercialização da soja transgênica “Maradona”, plantada criminosamente no país, a partir de sementes contrabandeadas da Argentina. Sem estudos nem relatórios de impacto ambiental, e em desobediência à decisão judicial, produtores rurais cultivaram grandes áreas de soja transgênica no Brasil, visando com isso criar fatos consumados. Para completar a imoralidade, ninguém obedeceu a mesma medida provisória que exigia a rotulagem dos produtos que utilizaram tais grãos transgênicos, pelo menos para dar ao consumidor o direito de escolha. Hoje os mesmos lobos entram em ação novamente, levando o governo a entrar na arapuca dos transgênicos, e a autorizar, através da Medida Provisória 131, o plantio da soja. É com profunda tristeza ver isso acontecer, pois trata-se de uma MP que contém tudo o que a multinacional sonhava. Nem sequer garantiu-se a produção de sementes convencionais para o próximo ano agrícola, deixando que o fato, a ser consumado, matasse sozinho a economia agrícola brasileira. Podem acreditar, no ano que vem ouviremos, do próprio governo, que a soja transgênica será autorizada, devido à falta de sementes convencionais para o plantio.

Há muitos inocentes neste jogo de cartas marcadas, incluindo agricultores, alguns parlamentares e alguns membros do governo. Por outro lado, os lobos, vestidos de cordeiros, foram muito mais espertos. Repetiram o mesmo discurso, repleto de mentiras, e convenceram o governo de que os transgênicos não representam

impactos para a saúde, para o ambiente ou para a economia brasileira. O governo aceitou pressões políticas e negou argumentos científicos. O governo cedeu às pressões dos poderosos vivos e esqueceu dos que ainda estão por nascer. É triste.

Caro vice-presidente da República, olhe para o povo argentino hoje com as suas 130.000 famílias de pequenos agricultores que já perderam suas terras nos últimos 7 anos (exatamente o tempo dos transgênicos naquele país vizinho). Pergunte aos argentinos, o que é que aconteceu com as empresas argentinas de produção de sementes? Quem ganha com a exportação da soja transgênica argentina, cultivada a partir de sementes patenteadas e monopolizadas por uma multinacional, que dominou todo o mercado, incluindo o pacote dos agrotóxicos usados? Será que isto não tem nada a ver com o empobrecimento e com a miséria que atingiu aquele país vizinho neste mesmo período?

Pergunte a eles, qual foi o impacto ambiental nesses anos dos transgênicos, como desenvolvimento de resistência, contaminação do solo, contaminação genética e redução na biodiversidade dos seus ecossistemas? Pergunte, ainda, sobre o envenenamento e os outros problemas na saúde da população rural. E, por favor, verifique se a soja transgênica é mais produtiva ou consome menos agrotóxicos que a soja natural, como andam dizendo os seus defensores.

A partir do ano 2001, a realidade argentina veio à tona. A soja transgênica consome mais herbicidas do que a soja natural. O consumo do agrotóxico glifosato, que foi de 28 milhões de litros na safra 97/98, passou para 56 milhões (98/99), alcançando os 100 milhões de litros na última safra. Como se isso não bastasse, a produtividade da soja transgênica é em média de 5 a 10% inferior à da natural. É desnecessário repetir, aqui, o impacto desses ve-

nenos no ser humano, no solo, nas águas, e na flora. O país perdeu, e a multinacional ganhou.

Nos primeiros anos, a multinacional que conta com mais de 70% do faturamento da soja argentina, não cobrava “royalties” dos produtores, vendia sementes e agrotóxicos com preços bem abaixo da média do mercado, o que levou à quebra do setor da produção de sementes convencionais. Nos últimos anos, no entanto, a empresa começou a cobrar os “royalties”, e hoje os bancos estão perseguindo os produtores devedores. A tendência para o Brasil é a mesma.

A constante aplicação de glifosato nas lavouras de soja transgênica na Argentina, resultou no desenvolvimento de resistência em 15 ervas daninhas. Para contornar a situação, o lavrador hoje é obrigado a voltar a aplicar herbicidas mais venenosos, que supostamente o glifosato deveria substituir, como 2,4D, Atrazine, Paraquat e outros.

No Brasil, o desejo da mesma multinacional é faturar 80% do mercado da soja gaúcha, além de mais de 15% da paranaense; hoje garantido com a MP-131.

É natural que o produtor se preocupe com a sua sobrevivência e com o ganho da sua lavoura; e a multinacional também. No entanto, é obrigação do Estado se preocupar com a sustentabilidade do sistema. A remessa de lucros de multinacionais, junto com a sangria da dívida externa, inviabilizam a economia de qualquer país periférico e dificulta o seu desenvolvimento. O lucro da multinacional vai ser pago pela falência do setor nacional. Estamos repetindo os mesmos erros cometidos em décadas passadas, comprando gato por lebre.

Mohamed Habib
é professor de Ecologia e diretor
do Instituto de Biologia
da Unicamp

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária “Zelino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones: (0xx19) 3788-5108, 3788-5119, 3788-5111. Fax: (0xx19) 3788-5133. Homepage: <http://www.unicamp.br/> Imprensa. E-mail: imprensa@unicamp.br. Coordenador de Imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editor Alvaro Kassab. Redatores Antonio Roberto Fava, Isabel Gardinal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri, Nélio Carlianti e Diálio Cristiani. Edição de Arte: Desais de Magalhães. Diagramação André Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. Ilustração Phyllis. Arquivo Antonio Szarpinet. Serviços Técnicos Dulcinea B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju